

## APRESENTAÇÃO

Margarida Maria Krohling Kunsch

Em 2014 registramos a memória dos 50 anos de implantação da ditadura pela qual o Brasil passou durante um longo período e cujas consequências são irreparáveis para toda a sociedade brasileira. Muitos foram os acontecimentos e as iniciativas que ocorreram em todo o país para marcar essa data.

A Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, que foi diretamente atingida por esse regime totalitário, não poderia deixar de lembrar fatos e pessoas que marcaram a luta de sua comunidade frente ao estado de exceção, justamente por ocasião de sua criação, em 1966, e das suas atividades iniciais nos anos subsequentes. Assim, promoveu, no dia 8 de dezembro de 2014, o debate *50 anos depois: a resistência da ECA-USP à ditadura militar*.

Nossa tentativa, com a promoção desse evento, foi reunir alguns representantes dos professores e ex-alunos perseguidos naquela época, além de outros depoentes, para darem um testemunho vivo do que significou para eles vivenciar aquele triste período da história do Brasil e como foi a resistência da ECA-USP, por meio de declarações ilustrativas. Tratou-se de um recorte possível. Muitos outros poderiam ter acontecido.

Sensibilizar as novas gerações sobre a importância da democracia – e as problemáticas de sua ausência para uma sociedade e uma nação – foi um dos objetivos desse encontro. Muitas vezes o termo ditadura é usado na própria universidade, por diversos segmentos, sem a devida compreensão da sua abrangência e do que foram para a geração de então os anos de chumbo que vivenciamos no país. A democracia que temos hoje foi uma conquista que precisa ser valorizada e cultivada no seu verdadeiro sentido pela atual geração da ECA (estudantes, professores e funcionários), bem como por toda a sociedade brasileira.

A Escola de Comunicações e Artes foi palco de resistência durante o regime totalitário. Esse período foi vivenciado por vários atores: dirigentes, professores, estudantes da Escola e convidados especiais que por aqui passaram deixando mensagens de liberdade de expressão, coragem, persistência, libertação e ensinamentos em uma conjuntura das mais duras do regime ditatorial então vigente, sob o auge do AI-5 e do decreto-lei 477. A ECA-USP foi uma voz que repercutiu, dentro da USP e em todo o território nacional, essa situação absolutamente anômala.

Esta publicação, *50 anos depois: a resistência da ECA-USP à ditadura militar*, registra depoimentos que relatam a experiência e a vivência pessoal, em um contexto de repressão, de censura e intolerância,

dos professores Adilson Citelli, do Departamento de Comunicações e Artes (CCA), José Marques de Melo, do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE), pelas palavras da pesquisadora Roseméri Laurindo, Luiz Augusto Milanesi, do Departamento de Informação e Cultura (CBD) e Sinval Medina, do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE).

Adilson Citelli comenta que o evento foi um momento de importante carga simbólica, pois veio à luz o relatório final elaborado pela Comissão Nacional da Verdade. Ele destacou que “um dos objetivos das instituições educativas é não tergiversar ou acobertar eventos históricos, tenham eles as implicações que tiverem, buscando mais bem esclarecê-los (...), em particular no que diz respeito às implicações e aos desdobramentos do golpe de 1964”.

Em seu depoimento, Luiz Augusto Milanesi relatou que a USP e a ECA viveram por muitos anos a constante inquietação quanto a dizer o que não se podia, ler o que não se devia e conviver, no dia a dia, com pessoas que poderiam ser o que não aparentavam. Segundo Milanesi, “se ela [a ECA] disse ‘não’ nos anos de chumbo, continuará pelo tempo repetindo que a liberdade para ela é ar e que os golpes e a censura (...) são intoleráveis”.

Em texto de Roseméri Laurindo, é lembrada a perseguição ao professor emérito da ECA José Marques de Melo durante a ditadura militar. “Não fui a única vítima dessa onda de “cassações brancas”, que atingiu vários outros professores da universidade, demitidos sumariamente, sem direito a defesa e nem mesmo a indenização trabalhista”, afirma em depoimento o professor.

Sinval Medina recordou o significado da ECA, principalmente do Departamento de Jornalismo e Editoração, no contexto da USP em

1971. Ele ressaltou que o Departamento era um ponto fora da curva numa instituição dirigida por reacionários. Segundo o professor, “trabalhávamos com informação, material explosivo para um sistema político que adotava a censura como forma de esconder seus crimes”.

Este pequeno livro é um registro importante para simbolizar parte da história da nossa Escola e de suas lutas pela liberdade de expressão e em defesa dos direitos humanos. Pela natureza das suas áreas de conhecimento e de suas práticas profissionais, a ECA-USP sempre deverá ser uma unidade de ensino, de pesquisa e de extensão e cultura questionadora e com uma visão crítica do mundo contemporâneo. No entanto, como atores de uma universidade pública como a Universidade de São Paulo, temos que ter muita mais consciência política e compromisso na defesa da cidadania e da democracia na sociedade em que vivemos.

Janeiro de 2015